

O “ERRO” NA APRENDIZAGEM: UM INDICADOR DE OBSTÁCULO NA COGNIÇÃO.¹

Ana Kerolaine Pinho Burlamaqui²

José Vicente de Souza Aguiar³

Leandro Nogueira Batista⁴

Resumo

O presente artigo visa compreender os fundamentos epistêmicos da formação do pensamento científico relacionados à pesquisa e ao ensino de ciências, considerando o “erro” como um indicador e analisador dos processos intelectuais, capaz de apontar o limite da cognição, desvelando conceitos que o aluno não conseguiu assimilar, além de sinalizar seus avanços e dificuldades. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma investigação exploratória referente aos pensamentos de Gaston Bachelard (1938), Jean Pierre Astolfi (1998), e Jean Piaget (1975). E posteriormente, a observação do cotidiano escolar, levando em consideração os conceitos ressaltados pelos autores, a fim de compreendermos as noções que professores e alunos possuem acerca da temática, utilizando-se da abordagem fenomenológica para realizar diálogos e a descrição do cotidiano escolar, mediante a reflexão sobre o modo como os erros são abordados. Deste modo, evidencia-se a importância da discussão filosófica, no que diz respeito à necessidade de ressignificação da ideia de “erro”, através da construção de um novo olhar, a partir do entendimento de que os erros são naturais e representam uma ferramenta poderosa na construção da aprendizagem da criança, que devem ser corrigidos positivamente, ao invés de servirem como fonte de castigo ou serem utilizados como um objeto medidor de notas. Busca-se, portanto, a ressignificação das práticas pedagógicas por meio de atitudes colaborativas, centradas na figura do aluno como o sujeito do processo de ensino-aprendizagem e no professor como o mediador do conhecimento, aquele que guia o aluno, rumo a abstração científica.

Palavras-chave: erro, ensino-aprendizagem, aluno, professor.

Introdução

Este trabalho visa um estudo centrado na compreensão de “erro” no processo ensino-aprendizagem, a partir da discussão de Gaston Bachelard, Jean Pierre Astolfi e Jean Piaget referenciado principalmente nas obras: “A formação do espírito científico” (1938), Como as crianças aprendem as ciências (1998) e “A equilibração das estruturas cognitivas” (1975), cujo objeto central é compreender que a necessidade de fundamentação do ato de ensinar e construir

¹ Está pesquisa é fruto de estudos realizados pelo Programa de Apoio à Iniciação Científica do Amazonas - PAIC, considerando a vigência de três projetos em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM, entre os anos de 2016 a 2019.

² Graduanda do Curso de Pedagogia na Universidade do Estado do Amazonas – UEA, kerolainebur@gmail.com;

³ Professor vinculado ao Colegiado de Pedagogia e do Mestrado em Educação em Ensino de Ciências na Amazônia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, vicenteaguiar1401@gmail.com;

⁴ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC. Licenciado em Ciências Biológicas – UEA. E-mail: leandrobatista@outlook.com.br

conhecimentos corresponde a uma dimensão cognitiva realizada por sucessivos processos de rupturas epistêmicas, que requer tratamentos tanto teóricos quanto didáticos do processo ensino-aprendizagem.

A temática mostra-se bastante pertinente, pois diz respeito à necessidade de repensar o erro e seu papel no ambiente escolar, contribuindo para a formação integral do sujeito. Na visão construtivista, os erros são apontados como uma exigência da cognição que ainda não foram suficientemente atingidas pelo aluno, ou seja, como uma dificuldade inerente ao trabalho do pensamento em processo de rupturas. Considerando que a aprendizagem é resultado de uma construção, que ocorre por meio de tentativas, erros, acertos e retificações.

O processo de ensino-aprendizagem depara-se com o erro como sinalizador dos processos intelectuais. Neste sentido, buscou-se investigar quais os tratamentos oferecidos as crianças diante dos erros identificados?

O estudo proporciona o exercício analítico na perspectiva de fundamentos da pesquisa em educação e o aprofundamento dos estudos através da análise do contexto escolar, de modo a identificar como o conhecimento está sendo produzido e repensar as práticas pedagógicas para não reproduzi-las sem antes questionar. Por meio deste entendimento propomos possibilidades de atos intervenção, visando a ressignificação da ideia de erro.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma investigação exploratória referente aos pensamentos de Gaston Bachelard, Jean Pierre Astolfi e Jean Piaget. Todavia, esta etapa foi antecedida por pesquisas de obras e artigos indexados sobre os autores mencionados quando tratam da ideia de erro, incluindo os resultados de simpósios, seminários e conferências, que subsidiaram o entendimento dos conceitos utilizados pelos autores, de modo a compreender a ideia de “erro” como um elemento de identificação do obstáculo à aprendizagem, cuja centralidade encontra-se na produção do conhecimento.

O estudo é de natureza fenomenológica, destaca o processo de diálogos e descrição da cotidianidade da vida escolar, como recurso para a realização de uma aproximação do conhecimento. Esta perspectiva mediará às conversas com os professores e alunos acerca das atividades de ensino, aprendizagem e produção de conhecimentos e os obstáculos epistêmicos visualizados na forma de “erro”. Os diálogos e a coleta de dados foram realizados durante o período de execução do Estágio II nos anos iniciais do Ensino Fundamental, em uma escola pública localizada na zona Centro Sul da cidade de Manaus. Entre os participantes da pesquisa

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

encontram-se alunos de uma turma de 5º ano, além da professora regente. A turma contava com 37 alunos e compreendia crianças na faixa etária de 10 a 12 anos, mas apenas 27 participaram da coleta.

Ao longo dos estudos foram realizados seminários de socialização das ideias com o Grupo de Pesquisa Fundamentos da Educação e Ensino de Ciências na Amazônia, do Mestrado em Educação em Ensino de Ciências em que ocorreram as reflexões e análises sobre os momentos da pesquisa, com destaque para os avanços e limitações com a reorientação dos procedimentos adotados. Ao mesmo tempo foram elaborados textos acerca da temática de modo a sistematizar os conhecimentos aprendidos.

1.1 O erro: um objeto de identificação

O erro faz parte de um processo histórico que possibilitou o avanço científico e tecnológico. A era que vivemos, é fruto de um ciclo de construções, repletas de tentativas que muitas vezes foram falhas e, portanto, precisaram ser reavaliadas e repensadas através de uma nova perspectiva. Assim ocorreu com a primeira lâmpada e com todas as grandes invenções e descobertas que revolucionaram a modernidade. Neste sentido é importante compreender que a ciência é processual e não se dá de forma rápida, são composições árduas, fruto de pesquisas, observações e claro erros, muitos erros.

No processo de ensino-aprendizagem não seria diferente, a aquisição de novos saberes ocorre de maneira gradativa, por meio de tentativas, erros e acertos, pois o aluno está testando possibilidades, levantando hipóteses e adquirindo conhecimentos, atitudes e habilidades. Construções progressivas que acompanham as etapas do desenvolvimento humano, abrangendo aspectos como os sentidos, a inteligência, o desenvolvimento motor e a cognição.

Essas colocações nos levam a refletir a respeito da complexidade do processo de equilíbrio das estruturas cognitivas, etapa que demanda tempo e representa um importante período de adequação. Portanto, é correto afirmar que os erros são comuns, afinal fazem parte do processo de construção da aprendizagem, porém é possível perceber a grande resistência existente a estes “desvios de conduta”.

Os erros são muitas vezes incompreendidos e desvalorizados, pois costuma-se focalizar apenas nos acertos. Nossa sociedade extremamente competitiva cada vez mais fortalece a visão de que os erros são negativos e estão relacionados a um baixo desempenho, justificando a necessidade de evitá-los.

Durante muito tempo o próprio sistema escolar acreditou neste pressuposto, os erros precisavam ser identificados e punidos, por esta razão permitiu-se alguns tipos de castigos como a palmatória, já que a figura do “aluno exemplar” era extremamente valorizada e aquele que desviava sua conduta deveria ser punido. O medo, então, serviu como um forte objeto de repressão.

Hoje a situação é um pouco diferente, porém os erros ainda continuam sendo motivo de vergonha, desconforto e medo, vistos como um “deslize fatal” que podem ocasionar momentos embaraçosos de exposições desagradáveis, além de resultar em notas baixas. Desta forma, os alunos entendem como algo incômodo e procuram evitá-los ao máximo, fator que contribui fortemente para a insegurança.

Desde muito cedo os alunos são cobrados por boas notas e pouco a pouco passam a temer as provas, porque compreendem que aquele não é o momento para cometer “deslizes”. Afinal, no sistema escolar os erros são utilizados como um objeto medidor de notas, capaz de apontar o empenho e dizer “quão bom ou ruim o aluno é”, fortalecendo uma conotação negativa no sentido de fracasso, culpa e desconhecimento.

Segundo Abrahão:

Quanto mais se fortalece os vínculos entre erro/acerto, mais se estará reforçando a submissão de tudo e de todos a um padrão, a uma norma que foi produzida, fruto de decisões monopolistas, como uma verdade hegemônica; mais se estará trabalhando o status quo, legitimando as desigualdades e a competição (2001, p.71).

Entretanto, a maior parte das etapas da escolarização utilizam-se desta abordagem, desde o Ensino Fundamental ao Ensino Superior, reforçando a ideia de erro como algo negativo e refletindo a aprendizagem dos alunos em números.

Mas ao repensar seu papel na construção da aprendizagem nos deparamos com o erro como uma ferramenta poderosa, que irá atuar como um indicador e analisador dos processos intelectuais, apontando para determinado conteúdo que o aluno não conseguiu assimilar, além de sinalizar os avanços e dificuldades. São de suma importância, possibilitam reformulações e funcionam como o motor do processo de ensino-aprendizagem, capaz de apontar a ausência ou insuficiência de determinado entendimento, bem como a necessidade de ser repensado e solucionado para que o processo de retificação aconteça. “No fundo, o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização” (BACHELARD, 1938, p. 18).

Ao deparar-se com situações perturbadoras aos poucos o sujeito assimila as informações, analisa e busca alternativas para sua superação, reorganizando ou criando esquemas em relação ao objeto e o que antes representava um obstáculo, torna-se uma importante oportunidade de progressão.

Neste sentido Piaget afirma que:

Está realmente, claro que numa perspectiva de equilibração, uma das fontes de progressos no desenvolvimento deve ser procurada nos desequilíbrios como tais, que obrigam um sujeito a superar seu estado atual e a procurar o que quer que seja em direções novas (1975, p.18).

Demandam uma atividade de renovação, no sentido de melhoramento, a ação de reconhecer o elemento perturbador e integrá-lo ao sistema ajuda a modificar e deslocar o desequilíbrio, a perturbação então se torna uma variação diante de uma estrutura bem organizada. Neste sentido, a identificação de um obstáculo nada mais é do que um indicador do status intelectual do aluno que está em busca da resolução de problemas relacionados a sua compreensão, para que a superação destes obstáculos ocorra é necessário esforços e o confronto das ideias. Mas que somente ocorrem se o espírito estiver aberto a novos conhecimentos e a sucessivos processos de retificações, ao qual serão retirados os erros mais capciosos. “Um obstáculo é sempre um obstáculo, e não pode ser ultrapassado à força”. (ASTOLFI, 1998, p. 46). Afinal, o conhecimento é resultado de uma construção.

Por isso, em determinados momentos é preciso desacelerar e trabalhar os obstáculos, visando sua superação para que não sejam levados durante toda vida escolar do aluno, o que lhe causaria grandes prejuízos. As dificuldades que surgem precisam ser encaradas com urgência, já que muitos conteúdos são pré-requisitos para outros e se há um rompimento neste paradigma, o educando sente dificuldade ao avançar nas demais séries.

Diante desta perspectiva, o professor irá atuar como o mediador do conhecimento, conduzindo o aluno a abstração científica, não é dar respostas prontas, mas estimular a criatividade e deixar que o aluno pense sozinho.

1.2 O erro na perspectiva construtivista

Discorreremos até agora sobre a compreensão e importância dos erros no processo de formação do sujeito. Entretanto, aponto para necessidade de atos de intervenção que possibilitem vivências no ambiente de sala de aula, buscando a resignificação dos erros através da prática, para tal atitude utilizaremos a proposta construtivista que considera o ato de aprender

constante, por este motivo a avaliação deve ocorrer da mesma forma, sendo contínua e progressiva, buscando valorizar as modificações, descobertas e invenções. O importante não está centrado nos erros ou nos acertos e sim no caminho percorrido pelos educandos através da construção de hipóteses.

Na visão construtivista perpetuasse a concepção do professor mediador, aquele que guia o aluno rumo a abstração científica, que auxilia e proporciona um ambiente colaborativo, transformando conhecimentos e descentralizando saberes, abrindo espaço para diálogos e trocas de experiência que partem dos interesses dos próprios alunos, pois acredita-se que ambos aprendem juntos. Contrariando a pedagogia tradicional na qual o professor é o detentor do conhecimento. Neste sentido, atitudes simples como a devolução de uma prova ou exercício, explicando o motivo do erro, servem como uma importante fonte de aprendizado, considerando que o aluno irá visualizar o caminho traçado e isso o ajudará a assimilar a informação.

Além disso, é importante possibilitar que o educando refaça trabalhos e avaliações, esta atitude de retificação permitirá avanços significativos, posteriormente é possível conversar a respeito, estimulando tentativas e questionamentos acerca das percepções de cada um. Os estudantes também podem trabalhar em sistema de cooperação, ajudando uns aos outros, a superarem obstáculos e buscarem por respostas.

Abordar o erro a partir do coletivo sem expor o aluno é uma tarefa simples, mas que resulta em grandes benefícios, afinal a dificuldade de um também pode ser a de outros e ao tratá-la de maneira natural colabora-se para o fortalecimento da confiança, da criticidade e da autoestima tão necessários ao processo de ensino.

Outro fator que se mostra devidamente pertinente a este processo está relacionado a promoção de diálogos, momentos de debates e questionamentos, para que os alunos percebam que tudo é passível de interpretações e que isto é extremamente positivo, pois temos pontos de vistas diferentes.

Através destas atitudes o professor contribuirá para a construção de uma aprendizagem realmente significativa, na qual o aluno atua como sujeito ativo, estruturando saberes através da interação com o outro, por meio de atividades práticas que estimulem a curiosidade.

Neste sentido, a sala de aula deve ser um ambiente vivo no qual os alunos se sintam livres para participar ativamente, sem a presença do medo como um instrumento de repressão. Assim, o erro será visto como algo natural ao processo de aprendizagem e os educandos estarão mais seguros para buscar caminhos diferentes, serem criativos e inovadores.

A sala de aula é lugar de descobertas, conflitos de ideias, pensar cientificamente, erros e acertos, novas tentativas, retificações e experimentação, juntos professor e alunos constroem conhecimentos, reorganizam esquemas e superam obstáculos, considerando que a aprendizagem ocorre diariamente, desde as pequenas observações às grandes reformulações, cada novo conhecimento permite uma aproximação maior com o objeto.

O ato de experimentar possibilita descobertas, pois ao buscar estratégias para resolução de problemas, o aluno construirá processos significativos, por meio de atitudes de cooperação que permitam vivenciar situações de conflito sociocognitivo, que são fundamentais para o desvelamento de ideias.

Ao evidenciar diferentes hipóteses, os alunos poderão fazer comparações buscando estabelecer as diferenças e semelhanças encontradas e por mais que o resultado não seja o esperado, estes momentos de interação permitem preciosas trocas. Conforme Astolfi “a evidenciação de elementos contraditórios na turma deve ser acompanhada por um clima que autoriza o erro” (ASTOLFI, 1998, p. 73).

Não importa o número de tentativas a serem feitas, se o resultado for igual, se o conhecimento for verdadeiramente abstraído, isto é o que importa, no processo de ensino os erros e os acertos são fundamentais, pois regulam a aprendizagem.

O motor que impulsiona esta prática é “a necessidade que os alunos têm de agir, o prazer que sentem em tentar e em experimentar, o seu gosto por exprimirem a sua opinião e discutirem com os outros” (ASTOLFI, 1998, p. 45). Afinal, cada sujeito possui um modo único, fator que enriquece o ambiente escolar, a pluralidade de ideias, culturas e saberes.

Na mesma sala de aula, sempre haverá diferentes caminhos, pois cada um compreende à sua maneira, ao seu tempo. A aprendizagem é uma atividade que necessita de tempo, esforço e dedicação, tanto por parte dos professores, quanto dos alunos; por isso, ao professor cabe a missão de progressão curricular e, aos alunos, compete à progressão intelectual.

Astolfi afirma que:

Aprender não é apenas aumentar o "estoque" de conhecimento, é também - e talvez principalmente - transformar os modos de conceber o mundo. Sabemos bem, que nossos momentos de descobrimento são muitas vezes aqueles que nos permitem ver as coisas de outra maneira, sem ter que saber "mais" (ASTOLFI, 1997, p. 65).

Segundo esta perspectiva cabe destacar que nem sempre o quantitativo é sinônimo de qualidade, por está razão as notas não refletem o real nível de aprendizagem do aluno. Deste modo, considera-se como aspecto primordial o caminho percorrido, as transformações

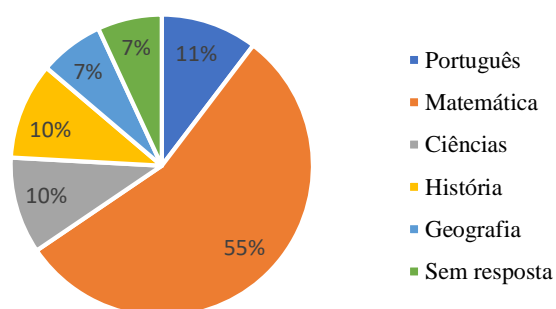
progressivas, frutos das construções individuais e coletivas que contribuem para aquisição dos saberes.

Resultados e Discussões

Destaca-se a importância da discussão filosófica para a educação, considerando que o conhecimento corresponde a uma produção cognitiva, resultado de um esforço intelectual realizado por sucessivos processos de retificações, por este motivo o erro necessita ser repensado como uma ferramenta didática que possibilita o ensino mediante a identificação dos obstáculos.

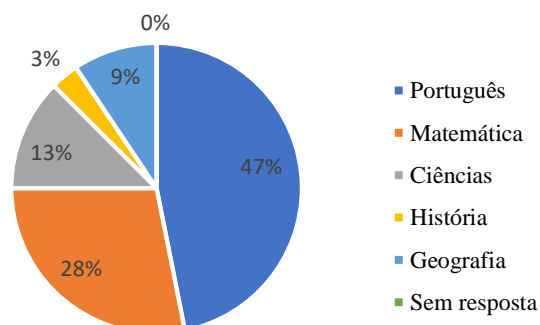
A partir deste entendimento, buscou-se investigar através de diálogos e observações, as percepções de alunos e da professora, a respeito dos erros no processo ensino-aprendizagem. Os gráficos abaixo representam as disciplinas que os alunos do 5º ano do ensino fundamental, possuem mais dificuldade, e em seguida, as que possuem maior facilidade.

Gráfico 1: Disciplinas de maior dificuldade



Fonte: Dados da pesquisa

Gráfico 2: Disciplinas de maior facilidade



Fonte: Dados da pesquisa

De modo geral, pode-se constatar maior dificuldade com a disciplina de Matemática. Segundo um dos alunos “eu não entendo muito bem, é difícil”. Apesar da professora explicar inúmeras vezes e com exemplificações, alguns alunos continuavam sem entender. Mas algo que refletia negativamente na turma, eram as listas de exercícios que deixavam os alunos irritados, gerando um obstáculo à conceitualização.

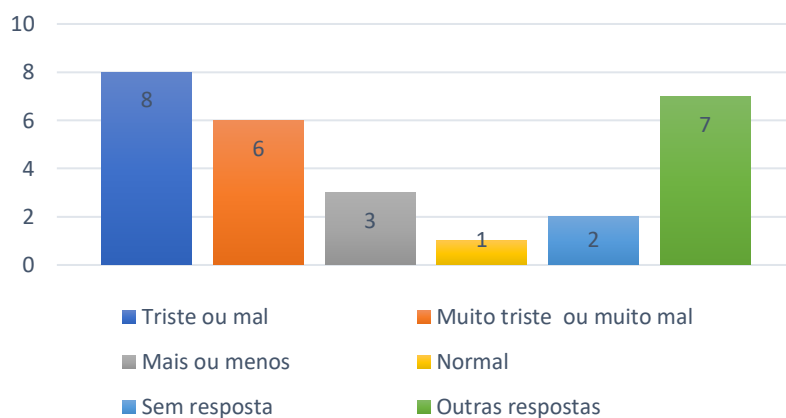
Outro fator, que pode justificar tal obstáculo diz respeito à ausência de metodologias e recursos concretos que possam facilitar o processo de ensino-aprendizagem, pois apesar das explicações, em alguns momentos é necessário ir além e experimentar vivências que certamente serão bem mais significativas.

Por outro lado, os alunos demonstraram preferência pela disciplina de Língua Portuguesa. De acordo com um dos estudantes: “gosto porque falamos de coisas diferentes, a professora traz vários assuntos”. A relação com o cotidiano, tornavam as aulas muito mais interessantes, a docente conseguia estabelecer uma relação com temas atuais, assim como a influência das redes sociais, notícias e músicas, solicitava pesquisas do interesse dos alunos e desta forma, trabalhava diferentes aspectos, promovendo momentos de discussões e preciosas trocas. Além disso, os exercícios eram corrigidos de forma coletiva, e ao notar algum erro ou conceito mal estabelecido os alunos poderiam solicitar ajuda aos demais.

A professora demonstrava uma postura bastante adequada, estava aberta a questionamentos e dúvidas. Costumava incentivá-los com frases como “todos são capazes, se esforcem”, “pode perguntar gente, não tenham medo de vir aqui”, “tentem quantas vezes forem necessárias, este é o momento”, “não tem problema errar, é errando que se aprende”. Atitudes muito positivas que passam segurança aos alunos e os deixam confortáveis para consultá-la quando necessário. Afinal, é indispensável proporcionar oportunidades de progressão, deixar que os alunos se expressem sem julgar a sua fala, além de formular questões e propor observações, seguros de que não passarão por constrangimentos. Sabe-se que “o clima da sala de aula conta muito, dado que o aluno tem de estar resguardado por uma confiança e um respeito suficientes para se arriscar e pronunciar suas ideias sem reticências” (ASTOLFI, 1998, p. 102).

Diante desta perspectiva, buscou-se compreender como os erros refletem na autoestima dos alunos, podendo contribuir ou prejudicar o processo de ensino-aprendizagem. Vejamos o gráfico a seguir:

Gráfico 3: Como você se sente ao cometer erros nos exercícios e provas?



Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisar os dados do gráfico, é possível perceber o quanto os erros podem influenciar e refletir na autoestima dos alunos, seja positiva ou negativamente, dependendo da abordagem

utilizada pelo professor, levando em consideração aspectos como sua aceitação e o ambiente de sala de aula. Neste sentido, determinadas atitudes podem fazer a diferença no modo como os erros são tratados.

Segundo Abrahão:

Todos os erros, de alguma forma, trazem uma suposição, hipótese do aluno sobre determinado tema. Assim, podemos afirmar que todos os erros podem ser considerados “construtivos” desde que a intervenção docente também o seja (ABRAHÃO, 2001, p. 38)

Por esta razão é importante sobretudo refletir sobre a origem, função e utilidade dos erros, buscando analisar sua contribuição na construção da aprendizagem, para somente após esta etapa selecionar as medidas que julga serem pertinentes, selecionando ações mediadoras que auxiliem o aluno neste processo, pois a diferentes erros considera-se diferentes abordagens, através da escolha mais apropriada a cada tipo, visando uma atitude de retificação eficaz que possibilite ao aluno um feedback de sua aprendizagem.

Considerações Finais

Os autores oferecem o desafio de repensar os erros através de uma nova perspectiva, problematizando a ideia de erro como algo negativo, que necessita ser evitado. Buscando sua ressignificação através da ótica construtivista, que considera os erros como parte do processo de construção da aprendizagem, momento crucial de regulação e superação dos obstáculos, que conduzirão o aluno a uma equilíbrio majorante, no sentido de deslocamento da perturbação.

Ao tentar construir o conhecimento o aluno erra, mas esse erro é completamente comum, positivo e útil, ocorre devido a reorganização das estruturas cognitivas, trata-se de um esforço intelectual necessário para que a assimilação aconteça, por este motivo os autores sugerem uma nova concepção de ensino através da identificação dos erros como um analisador dos processos intelectuais, apontando para o nível de abstração cognitiva dos alunos e fornecendo subsídios para a superação dos obstáculos. Sendo fundamental considerar o educando como um participante ativo e inacabado.

Conforme o avançar da pesquisa, sentiu-se a necessidade de realizar um estudo em consonância com o cotidiano escolar, etapa que se mostrou muito rica e possibilitou preciosas trocas, além do aprofundamento dos conceitos e argumentos utilizados pelos autores, levando-nos a refletir sobre diferentes aspectos, assim como a compreensão do modo como os alunos se sentem frente aos erros, concepções que enriquecerem qualitativamente a pesquisa e nos possibilitam uma nova perspectiva.

Deste modo, destacamos a necessidade de um contínuo processo de retificação, considerando que o professor na prática pedagógico-científica, deve estar sempre aberto, ser alguém que ensina, desperta, estimula, provoca, questiona e se deixa questionar, atitudes como estas permitem estabelecer relações colaborativas, que estimularão o aluno a criar, criticar, produzir, inovar e pesquisar. E durante este percurso, os erros cometidos serão um modo de diagnosticar e planejar as intervenções didáticas, representando uma preciosa ferramenta ao processo ensino-aprendizagem.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). **Avaliação e Erro construtivo Libertador: Uma Teoria - Prática Incluyente em Educação.** Porto Alegre: EDIPURS, 2001.

ASTOLFI, J.P.; PETERFALVI, B.; VÉRIN. A. **Como as crianças aprendem as ciências.** Tradução Maria José Figueiredo. Coleção Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget: 1998.

_____, J.P. **El error, un medio para enseñar.** Sevilla: Díada Editora, 1997.

BACHELARD, G. **A Formação do Espírito Científico.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1938.

PIAGET. J. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.